



O Gaiato

3 DE FEVEREIRO DE 1973
ANO XXIX — N.º 754 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Cartinho DOS RAPAZES

Eu já o conhecia. Mas foi a propósito da morte do «Pirilampo» que o identifiquei.

Um homem. Um homem de condição humilde, que hoje disfruta de uma situação modesta mas bastante, fruto de muita luta, de muitos sacrifícios, de muitas privações. Podia esta luta tê-lo endurecido e insensibilizado para os outros, agora que a suficiência o bafeja e seria tempo de gozar ainda o que esta vida terá para lhe dar... Podia, sim. Parece até que assim foi durante tempo que não sei contar. Até que um dia, à maneira de Saulo, na estrada de Damasco, o Senhor encontrou-Se com ele. Decerto não caiu abaixo

do cavalo nem cegou. Mas a «martelada» (para usar a expressão de Pai Américo) foi tamanha que a vida daquele homem sofreu uma reconversão total; ele virou-se do avesso (E que maravilhoso avesso ele tinha!); e não mais pôde entender que a Graça e todo o bem que Deus lhe desse pudesse ficar fechado em suas mãos para seu exclusivo regalo.

Partilhar é o verbo da felicidade — ele sabe-o, que Deus lho revelou. E desde então, sem prejuízo da sua vida profissional — aliás o seu indispensável ganha-pão — as suas energias gasta-as a partilhar: a Palavra de Deus, Palavra de Salvação, que a ele iluminou para iluminar outros; e o pão, o pão da terra, nas suas inúmeras variedades, desde o pão-pão que alimenta o corpo, ou o vestuário que o defende, ou o remédio que o melhora, até à palavra que alivia dores, ao gesto de comunhão que conforta e ajuda a curar.

Com quantos assim tem sido?... Feliz dele porque só Deus o sabe! Mas é bom que algo se veja da Luz que não é dele, mas nele brilha — e nós vimo-la no que respeita ao «Pirilampo», que ele acolheu,

ao ser de novo desprezado pelo pai. Acolheu na sua casa: primeiro, até lhe arranjar um quarto e lhe proporcionar os meios com que o tornar cómodo; depois na partilha da sua mesa, na sustentação de diálogos difíceis (eu que o diga!) dada a sua surdez, diálogos com que o entretinha e o enriquecia da certeza de que havia no mundo quem lhe prestasse atenção; na administração de remédios às vezes a meio da noite, partindo o seu sono; no carinho com que o levou à última morada terrena; na verdade com que me desabafou que «até iria sentir a falta dele, ali à mesa» em torno da qual nós conversávamos.

Uma experiência. Uma de várias experiências felizes, como a que sábado nos aconteceu, a caminho de Setúbal: pequena avaria no nosso carro que nos proporcionou a solidariedade de dois mecânicos que gozavam já a tranquilidade do seu fim de semana e não hesitaram em voltar à sua oficina e em sujar as mãos para nos remediarem — e de cara alegre e sem aceitarem nada, de pequeno que era o nosso acidente!

Não! Há gente boa no mundo! Não sejamos pessimistas! Quando vos disserem (velhos de espírito!) que «este mundo vai de mal a pior» sabei que cada justo vale aos olhos de Deus por multidão de pecadores. Que Sua sentença justa é substituída por mais um gesto de misericórdia para

Cont. na QUARTA página

CARTAS

«Muito desejava escrever mais longamente para dizer quanto aprecio a leitura de «O GAIATO» e a espiritualidade verdadeira que nas suas páginas encontro. É a do Evangelho, que fala do «único necessário», das «aves do céu e dos lírios do campo».

Bem hajam por esse pão do Senhor repartido aos bocadinhos saborosos, sal que dá tempero à massa insípida, fingidamente condimentada com palavras ocas que a não podem transformar...

Pedia o favor das vossas orações para que Deus me dê a graça da generosidade...»

«Gostava muito de pôr as minhas contas em dia. Hoje mando esta pequenina migalha. É pouco, mas é de todo o coração. E assim que me seja possível mandarei mais — para que a minha consciência fique mais tranquila.

Tenho muito gosto em receber e ler «O GAIATO». Tinha eu os meus 8 anos quando alguém me inscreveu como assinante. Nessa altura, claro, pouco ou nada me podia interessar por ele; mas a minha Mãe adorava lê-lo de ponta a ponta — e explicava-me a sua existência.

Hoje sou homem. Gosto de o ler. Admiro bastante a vossa tão bela Obra.

Gostava de possuir o «Isto é a Casa do Gaiato». Peço para mo mandarem, quando for possível — mas à cobrança. Combinado?

Como mudel de residência — e já não sou menino — peço que mandem o Jornal para o seguinte endereço...»

«A grande ajuda e orientação moral que «O GAIATO» me tem dado não tem preço.

Tenho esperança de mais adiante lhes poder pedir — a pronto — todos os livros editados pela vossa Editorial, pelos quais tenho admiração e vontade de possuir — apesar de não conhecer ainda nenhum.

Mas até aqui tem sido para a muito custo criar e educar sozinho 4 filhos e nisso é que «O GAIATO» tem sido presença.

Despeço-me rogando ao Senhor nos ajude a sabermos ser membros de um Mundo Melhor, que dê honra e glória a Deus...»

Continua na QUARTA página

FESTAS

Eu não contava! Não contava, não senhor. Além do mais, foi uma ordem imperativa: «No próximo número tu é que escreves!»

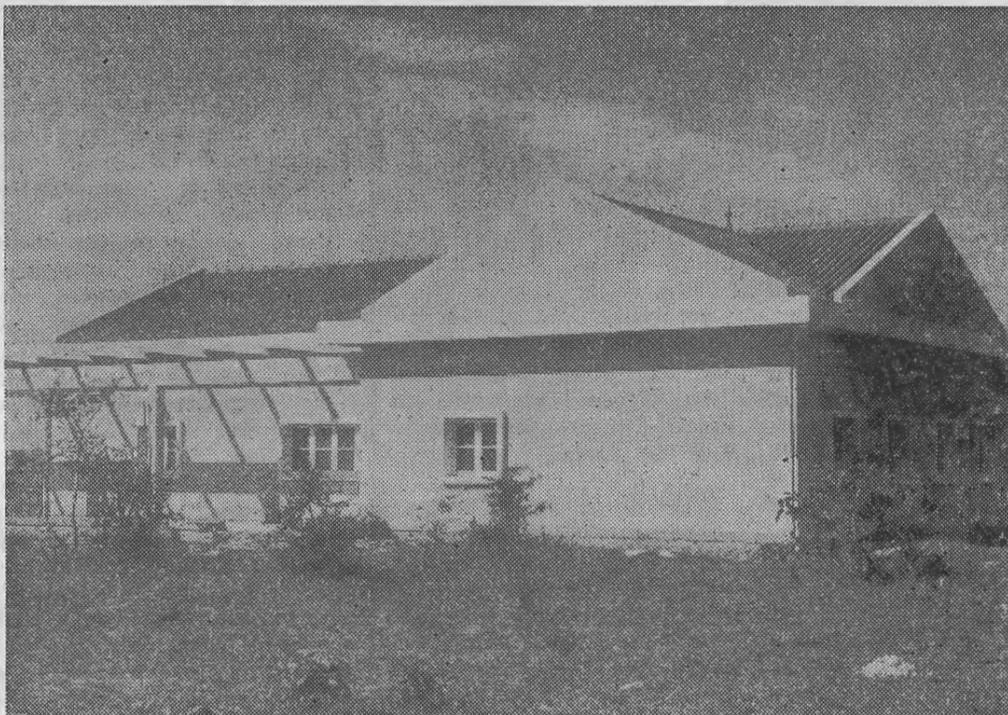
Aliás, é bem mais saboroso e eficaz conversar com os leitores do «Famoso» do que andar por lá, noutras bandas, sabe Deus como e porquê, a motivar quantos conhecem a Obra só de nome. E são ainda muitos... Di-lo a nossa tarimba de 25 anos em andanças deste género, em trabalhos de rectguarda.

A sineta, indispensável, é necessidade psicológica em qualquer sociedade. Hoje, até com fundamentos ou conceitos d'ordem científica! E, às vezes, sabe Deus!, os terrenos e extremos que pisa... como se amodaça! Outra loiça...

O mundo não dispensa a sineta! Prova-o, até, qualquer igreja ou capela: lá está ela, para acordar dorminhocos e lembrar afastados ou desconhecidos...

Vamos entrar nas quentes, sim senhor! Diria melhor: já começamos. Eu e Bernardino e todos. O «director artístico» concebeu programa: texto e música. Escolheu elenco. E começaram os ensaios!

Cont. na TERCEIRA página



LOURENÇO MARQUES

A primeira casa de habitação da nossa Aldeia, em Santiago do Infulene — Lourenço Marques. Sabe Deus o valor das renúncias que levantaram mais este edifício — dos alicerces ao telhado!

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Já estareis a perguntar a vós próprios: — Então os Gaiatos da zona Centro não fazem Festas? Aqui vai a resposta para quantas perguntas desse género possam aparecer. Fazemos sim. Mas sabe Deus o que nos vai custar.

A maior parte dos Rapazes que faziam o programa estão na Telescola; os ensaiadores, que são os professores, estão também mais ocupados que nunca.

Fizemos duas reuniões. E a maioria absoluta estava de acordo que se fizessem Festas.

Sendo assim resolvemos os problemas que surgiram.

Pegar-lhe, era o mais difícil. Mas pegámos-lhe, a sério. E cá vamos, de vento em popa. Já todos falam dos papéis que irão representar.

Pois, caros amigos, contem conosco para mais uns serões agradáveis. A nossa romaria vai mais uma vez correr as terras do Centro do País. Vamos levar mais uma mensagem do nosso amor por todos vós.

Manuel José

Paço de Sousa

FESTAS — Começaram os ensaios! Vamos ter quase dois meses para nos ambientarmos — e estudarmos — os números escolhidos para o programa.

O grupo dos «Batatinhas» levou uma grande remodelação. É composto de idades inferiores aos do ano passado. Sendo mais pequeninos, obrigam o «director artístico» a redobrado trabalho.

Os restantes «artistas» são quase os mesmos do ano passado, excepto algumas presenças novas que substituem quantos ingressaram na vida militar.

Fazendo uma previsão quanto aos ensaios, é preciso que ensaiador e «artistas» trabalhem muito durante estes dois meses, para as coisas correrem da melhor maneira até ao fim.

Temos esperança que tudo há-de correr bem. Vamos para a frente! Trabalhem com genica!

PISCINA — Continua a crescer. Embora o mau tempo — fruto da época — atrase bastante o andamento da obra.

A nossa futura piscina será dividida em duas partes. Uma, para a malta grande; outra, para a pequena. Evidentemente, com os respectivos roupeiros.

A parte destinada aos grandes será uma categoria. Levará uma prancha destinada aos mergulhos. Que bom!

Esperamos que, para a próxima época balnear, haja piscina para tomar umas banhocas. É que o nosso tanque de rega não chegava, realmente. Tornava-se pequeno para toda a Comunidade.

VISITA DE ESTUDO — Um grupo de tipógrafos fez uma visita de estudo às oficinas da firma Simão Guimarães, Filhos, Lda., no Porto, a mais actualizada empresa de fotogravura tipográfica do nosso País.

Serviu-nos de cicerone o sócio-gerente, sr. Dr. Armindo Guimarães, que, apesar dos seus múltiplos trabalhos, nos acompanhou de fio a pavio. E, metódicamente, sucintamente, que o tempo corria veloz, explicou, com o maior interesse, os processos de trabalho de cada uma das máquinas e dos próprios colaboradores.

Foi uma visita frutuosa para a nossa cultura tipográfica! Hoje, os tempos não suportam ignorância. Temos de acompanhar o progresso, que vai exigir — e exige — muito da nossa geração, como homens d'amanhã.

De salientar a presença activa de um encarregado que fará 50 anos de serviço dentro de dias. Não quis passar este tempo em casa. A sua alegria e boa disposição a ofuscar o «caruncho»! Nota simpática e muito significativa.

DESPORTO — Continuamos em descanso! O que tem valido aos futebolistas — e ao resto da Comunidade — é a ginástica todas as quartas-feiras. De contrário, as pernas ficariam «enferrujadas». Continuamos à espera de convites para desafios!

Luis Nunes Marques

CALVÁRIO

Foi após a última refeição daquele ano, já velho e moribundo, que a pequenina Comunidade do Calvário mai-los rapazes da Casa de Beire, se reuniram no salão, irmanados no sublime desejo de aguardarem o novo ano em fraterna união. Sem preconceitos, pouco habituados a festividades exuberantes, com ambiente sofisticado e alegria artificial, cada um ofereceu o seu melhor, esqueceu o seu mal pessoal e procurou que um ou outro mais cismático, abandonasse o pessimismo doentio e comungasse a Paz do franco e singelo convívio. Embevecidos deste espírito, todos cantaram e dançaram naquela noite revestida de quietude.

Foi o Bernardo mais a sua viola, que nos maravilhou, arrebatando «bis» e calorosos aplausos. Foram Maria Alice (que é muda), Ferreira e outros não menos brilhantes nas suas modinhas populares. E enquanto o «show» familiar se reproduzia, padre Abraão, todo feliz, ia servindo um cafézinho aos que se juntavam no pequenino e encantador bar. O lume, no fogão da sala, crepitava docemente, com receio de afectar a harmonia e ficava-se no silêncio, sorridente, mantendo sempre temperatura amena.

Num cantinho, entre impressionado e envergonhado, estava eu, muito mais feliz que todos, que ali fora em busca da Paz que os congressos negam, procurando encher-me da mensagem que as canções me ofereciam. E como lamento minha pequenez para compreender a boa nova que brotava dos testemunhos, particularmente, em cânticos de hossanas ao Menino

Deus, o Ferreira, um inválido surdo-mudo, simulou, em mímica, uma charanga militar.

A noite avançava e a nossa alegria era axioma repercutindo-se em todos



Expressiva actuação da Maria Alice — que é muda!

os rostos, quando Adelaide e Marik nos surpreenderam com umas gulo-seimas. Chegaram no momento próprio: todos sentíamos um fraquito vazio estomacal.

À meia noite, suspendemos as cantilenas e orámos. Agradecemos-Lhe os bens concedidos anteriormente e ousámos pedir-Lhe que iluminasse os homens para que, saindo das trevas, vejam e sintam a Paz que ilusoriamente procuram, fazendo literatura. É tão fácil encontrá-la — «ama os outros como a ti mesmo»!

Cansados, com o sono por companheiro, fomos repousar mais conscientes da nossa responsabilidade no novo ano!

Manuel António

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Os leitores compartilham da nossa acção com um interesse digno de nota. E os donativos são dum valor incomensurável. Esta presença, por exemplo, é dinheiro que escalda:

«...Andava triste por não lhes poder mandar nada para os nossos queridos irmãos da Conferência de Paço de Sousa. Mas esperava que o Menino Jesus tocasse o coração de qualquer pessoa amiga e não faltou! Vieram duas ajudinhas inesperadas. Portanto, aí vai esta notinha de 50 escudos para eles. Recebi o mês passado e mando só agora; mas não faz mal, porque não se come uma só vez por ano, pois não?»

Que Deus me perdoe os pecados de desespero que trago por me ver cada vez pior, pela casa em que me meti e da qual não posso sair. Custa 150\$00... Paciência!...

Sangue duma Pobre! Mais um acto heróico. Na volta, escrevemos quanto o Senhor nos inspirou. E fica só entre nós.

Mais 500\$00 da Travessa Possolo, Lisboa. A presença assídua do assinante 17740. Mais 100\$00 de Paço de Arcos. E mais 60\$00 da assinante 31316. E mais 200\$00 duma Alentejana. E mais 20\$00 do assinante 30466. E mais uma oportuníssima oferta de «Uma Avó Antiga». Outra vez Porto, com «a migalha referente ao mês de Janeiro e outra igual para a motorizada». Agora, a boa amiga «assinante do Seixal» com um vale de 600\$00 «com toda a fraternidade». Graças a Deus pela perseverança desta leitora! Finalmente, 20\$00 de um oficial do Exército.

Os donativos devem ser remetidos à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Jorge

TOJAL

DIA DE FESTA — O passado dia 4 de Janeiro foi dia de festa nesta Casa. Celebrámos as nossas «Bodas de Prata». Para a festa foram convidados o Senhor Cardeal e o Senhor Patriarca de Lisboa.

Tivemos Missa concelebrada, presidida pelo Senhor Cardeal Cerejeira. Depois desta, o Senhor Patriarca de Lisboa fez a benção do novo cruzeiro, bem como das novas oficinas.

Houve depois um almoço de confraternização no qual estiveram presentes, além destas individualidades, os senhores Padres de todas as Casas do Gaiato da Metrópole e ainda vários amigos da Obra da Rua, pois que a Obra é de todos, amigos e gaiatos, como houve ocasião de dizer durante a festa.

No fim, cada qual seguiu o seu caminho com o firme propósito de continuar como até aqui, procurando sempre viver nesta Família que é a Obra da Rua.

AQUI LISBOA

famos a caminho do Lar, onde costumamos dormir de quando em vez, a fim de darmos voltas em Lisboa. Ao chegarmos ao Rato parámos o carro, para o nosso companheiro colocar na caixa postal o correio desse dia. Eis senão quando, deparamos com um Jovem, aí de 14 a 16 anos, em busca de restos nos caixotes colocados à porta dum supermercado ali existente. Arregalámos a vista para melhor enxergar o espectáculo e notámos que o moço ia fazendo a escolha, deitando num saco de plástico aquilo que lhe parecia aproveitável e chegando à boca alguma coisa que mastigava de seguida. Um tremor nos invadiu, apesar de habituados a estas coisas, e não seguimos viagem sem que tivéssemos chamado à atenção do espectáculo para o nosso «secretário», com os comentários adequados. Estes os factos.

Casos como o apontado não deveriam ser possíveis na época em que vivemos e onde quer que os pretendamos situar. Pela nossa parte vamos procurando algo em contrário, embora conscientes dos limites da nossa acção e das nossas reduzidas possibilidades. Sofrendo pelo facto de não podermos resolver todos os problemas, muito mais nos custam, porém, a insensibilidade e apatia de muitos que instalados na vida ou tendo tudo ao seu dispor, pelo sacrifício ou bens de outros, não se apercebem das dificuldades e privações de bastantes, a que, talvez até, chamem convencionalmente irmãos. É muito fácil, de resto, botar «deis» e «sentenças», como nada custa falar da caridade universal ou de questões teóricas e longínquas; há por todo o lado abundância de doutrinadores (?) e multiplicam-se assertos doutorais sobre as questões mais diversas. Quando se trata, porém, de amor ao Homem concreto, que vive a nosso lado e exige de nós acção e esforço imediatos, logo transferimos as responsabilidades, como se todos não fôssemos solidários uns dos outros e todos não devéssemos estar empenhados no bem-estar comum, que em nós começa e logo se continua no Próximo mais perto de cada um.

Temos assaz pena que muitos pais não eduquem os filhos na visão das realidades concretas da vida e na interdependência que existe entre todos os homens. A nossa felicidade não pode processar-se em compartimentos estanques e, por isso, é bom mostrar aos que desabrocham para a plenitude da existência que, ao lado, tantas vezes paredes-meias, há quem passe fome, não tenha abrigo ou vegete nas mais ínfimas e precárias condições. Só assim se aguçará o sentido social e se combaterá o egoísmo próprio, dando valor ao bem que se usufrui e evitando as delapidações ou os desperdícios escandalosos, ofensivos da própria dignidade dos outros.

Padre Luiz

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

Há dias, chamei a atenção de Bernardino sobre «artistas» escolhidos. Quis saber o critério. E sosseguei: «Fica gente livre na secção de composição e de impressão, da oficina... Ela é um mundo. Um mundo de trabalho. Ele Jornal, ele Editorial (o «Viagens» movimentou um exército!) e tudo o mais indispensável à Formação Profissional dos nossos Rapazes. Já tivemos de afrouxar com o programa d'aulas tecnológicas, a que nos devotamos — de acordo com as nossas aptidões e capacidades.

Noutros departamentos da nossa Aldeia, vão também surgir dificuldades. As dificuldades do costume. Por isso, — acentuamos — é bom toda a gente saber do sacrificio e da ordenada desordem que uma empresa complexa, deste género, provoca na vida normal da Comunidade. Armamos a tenda só por vossa causa, bons amigos! Uma compensação d'amizade. E só.

Está programado o itinerário da zona norte! Revelamo-lo adiante — com certo destaque — para que todos possam harmonizar sua vida com a nossa presença nas respectivas salas.

Não vamos revelar mais nada sobre as voltas e reviravoltas da preparação da «tour-

née». Tão pouco do portuguêsíssimo zelo de D. Burocracite que, este ano, vá lá!, aliviou-nos o fardo um pouco mais. Vamos mas é recordar com alegria — e fundamentada esperança — a significativa legenda estampada o ano passado em um colega de Oliveira de Azemeis, que visitámos com êxito, pela primeira vez. Diz assim:

«Oxalá que voltem para o ano, pois o nosso público sabe cumprir o seu dever».

Oh Amizade!

P. S. — A última hora o correio trouxe mais notícias festivas. E de que forma! Ora leiam:

«Como Padre Carlos diz que és tu que botas palavra sobre Festas no próximo número, bota também uma palavrinha sobre as festas no Centro, pois andamos já a mexer-nos para não deixarmos os nossos Amigos beirões com água na boca, a ver passar o padeiro só pelo Norte. Nós também ser gente!

Ora toma!...

Toma lá um grande xi do Padre Horácio.»

Boas notícias! Saborosas. Um bom aperitivo para os amigos do Centro do País.

Júlio Mendes

Neste Natal tivemos a presença consoladora de muitos amigos. Nós, os pobres, aguardamos o Natal com uma ansia redobrada. Ele anuncia e realiza já a Salvação de muitos homens. É libertação dos oprimidos. É paz para os homens que o aceitam.

As nossas dívidas foram saldadas em 1972. Há mais de treze anos que não sabia o que era pagar tudo e ficar liberto. Tem sido uma vida sempre afogada pelos débitos. Agora não. Da nossa camioneta nova pagámos oitenta contos. Ficamos a dever sessenta mas temos promessa de auxílio oficial para saldar o resto. Que ele venha. É mais que justo.

Por vale de correio em princípios de Dezembro 250\$. De Coimbra 50\$. De um amigo muito escondido um cheque de 5 contos, mais outro de dez do amigo dele. Foi um negócio que ambos fizeram. O nosso amigo, sempre presente nesta Obra desde a primeira hora, lembrou o seu amigo de tirar dez contos ao lucro do negócio. Bons amigos são aqueles que se ajudam na prática do Bem.

Da mãe de uma das nossas monitoras da Telescola 350\$. Um grupo de alunos e (as) de Almada puseram no altar da nossa Capela as suas dádivas e entregaram-nos 695\$. Por intenção dum filho 200\$. Com diversos para o Natal mais vinte escudos.

Do Grupo «Pai Nosso» de Pinhal Novo 450\$. De uma amiga de Febres 200\$. De Maria Celeste mais cem, e de Lucinda 50\$. De um amigo muito querido a quem pedi 12 contos para comprar calçado recebi um cheque de 15 e um cartão a pedir segredo. Deus tudo sabe. O resto é com Ele. Por uma Missa mais 620\$. De outra amiga que nos lembra todos os anos 500\$. Para a ceia do Natal mais 120\$. Vêm aí os Empregados da S. A. P. E. C. com um vale de 3.400\$. Sabemos que «O Gaiato» é o jornal mais lido por todo o pessoal da S. A. P. E. C. É preciso continuar. Para a compra do cálice da Capela do Lar, 200\$. Entregue ao cozinheiro no Lar mais 160\$. Alguém cujo amor pelos Pobres é sério e profundo junta as suas renúncias mais as das amigas — «o que devia gastar na cabeleireira, no cinema, em jantar fora, etc.» — e põe o seu valor num mealheiro: 1.879\$00, mais vinte pares de calças novas talhadas ao feitio corrente. Como estas presenças são estímulo!... Como o mundo seria diferente se todos assim fizéssemos!... Mas não, a vacuidade é adorada pela grande massa!...

De Luisa 50\$. Em carta de luto, deixada no Lar, 1.150\$. Na sacristia 190\$. Para o jantar do Natal mais mil. De dois netos 200\$. «Para um Natal melhor» 500\$. Outro amigo que parece ter contraído dívida à Casa do Gaiato todos os anos nesta altura nos traz um abraço vivo de Amor e Fé e dez notas de mil. Eu sei que é uma dádiva de sacrificio. Por isso a aprecio tanto. Da Escola Preparatória de Palmela mil escudos. Da Academia Luísa Todi muito carinho e um carro carregado de mercearia, bolos, brinquedos, roupas, etc.

Setúbal

As Juntas de Freguesia estiveram presentes. Primeiro a nossa, de S. Sebastião, com dez contos. Muito devemos à nossa Junta: a atenção especial que a Casa do Gaiato lhe merece e as suas dádivas pelo Natal. S. Julião e Santa Maria mil cada. A Anunciada mandou quinhentos escudos. Um grupo de Azeitão trouxe 3.440\$. Outro, feito de alunos do 1.º ciclo, enviou mercearia e roupas! De Palmela para o Natal mil e mais duzentos e mais 120\$. Da Setubauto recebemos o costumeado cheque de 1.500\$. De Maria Alice 200\$. De Maria Garcia 90\$. De um engenheiro amigo que não faz Páscoa nem Natal sem nós, 3.000\$. A um vendedor cem, a outro vinte, ao Laurindo cem. De quatro médicos 1.500\$+1.000\$ e mais mil e mais quinhentos. De um Padre de Lagos 500\$. Uma Setubalense «que se absteve durante alguns dias de comer um bolo» 90\$. — Jejum do advento. Uma promessa 200\$. Da filha de uma grande amiga 500\$. Do meu grupo de casais 1.680\$. De um Arquitecto mil. Metade do prémio como Funcionária da Caixa de Previdência 1.712\$, mais da mesma cem. Um cheque de Maria Pureza, mil. De Maria Perpétua 250\$. De uma amiga doente um cheque de cinco mil. Por alma do

marido três mil; a pedir 2 Missas pelo Pai, 500\$. Mais um cheque de 300\$, outro de 108\$ e mais outro de 2.500\$. No Lar mais cem. Com B. F. cem. Em S. Julião mais cem. Um amigo de sempre 250\$. Num envelope verde quinhentos; à mão outro tanto. Com B. F. pelos amiguinhos da família gaiata cem. De uma reformada conserveira vinte! Como me soube bem!

Mais cem e mais dois mil de outro amigo que nos veio abraçar. Das amigas do Rogério 250\$. Dele 500\$. Da mãe do Catarino 500\$. De amigos de há muitos Natais 1.200\$ mais 1.000\$. Os Empregados do B. N. U. depositaram na nossa conta 277\$50. Todos os meses lá põem uma migalha. Do Grémio dos Industriais do Arroz 500\$. Mais 650\$ e 500\$ para «melhorar a Quadra Festiva». Para a camioneta nova vinte e mais mil. Do Jornal «O Setubalense» 1.500\$. Dos «Manos da Casa Branca» outro tanto. Mais mil, mais 300\$ e mais cem. De uma farmácia 500\$. Operários da Secil 1.810\$70. Das funcionárias da Caixa de Previdência uma carrada de mimos. Num envelope de luto, 300\$. Da Quinta das Torres, mil escudos.

Padre Acílio

MARÇO

- Dia 16 — Amarante Cine-Teatro
AMARANTE
- Dia 20 — Cine-Teatro S. Martinho
PENAFIEL
- Dia 22 — Coliseu do Porto
PORTO
- Dia 27 — Cine-Teatro Caracas
OLIVEIRA DE AZEMEIS
- Dia 28 — Teatro S. Pedro
ESPINHO
- Dia 29 — Teatro Circo
BRAGA
- Dia 31 — Cine-Teatro João Verde
MONÇÃO

ABRIL

- Dia 2 — Cine-Teatro Augusto Correia
V. N. FAMALICÃO
- Dia 4 — Teatro Ribeiro Conceição
LAMEGO
- Dia 6 — Teatro Aveirense
AVEIRO



Mais uma vez por cá, de novo me encontro a bisbilhotar o cantinho onde se vão escondendo os vossos sim às aflições que nos levam a procurar a contínua protecção do Criador.

Início esta romagem com a presença discreta e cheia de simplicidade dos Alunos da Escola Preparatória Teixeira Lopes que nos trouxeram junto de suas renúncias, de valor peregrino, desacreditando as ditas crises da juventude, sempre alegre e sã. E o sim amigo das alunas da Escola de Enfermagem da Boavista. Mais jovens com uma viola, doçarias e uma importância em dinheiro. E Beja com 3000\$00; Jorge Silva com 100\$. Mais 500\$ de alguém de Paredes; roupas de Maria, de Monte Redondo;

300\$ de Valongo «destinados à casa Perdoai-lhes Senhor»; roupas duma enfermeira; vários 100\$ da habitual e sempre presente amiga Antonieta, do Dafundo; 500\$; da Alzira M. Pinto; 100\$ duma assinante; 1000\$ de «dois médicos católicos»; 500\$ da Paróquia de Corim vindo aqui em peregrinação; 500\$ de Augusto com pedido de «Missa por alma de minha Mãe»; 100\$ de alguém «disposto a repeti-lo»; 40\$ «de doente para doentes»; 100\$ «por alma de meu querido Pai». Amigo sempre disponível e sempre presente, de Paredes, com 15000\$. E de Paredes mais 500\$ como que negando o «santos da porta não fazem milagres». Mais 50\$ de Lisboa, com pedido de prece pela Olga; 100\$ «para ajuda da consoada»; 100\$ de M. Lucília; 250\$+200\$ da nossa muito amiga «portuense qualquer»; 40\$ de A. Maria; 100\$ da assinante 11980; 1000\$ do assinante 7787. E alguém com desejos de mandar muito, com 1000\$; mais 120\$ de Aveiro; 3000\$ das senhoras de Oporto Ladies Guild; 100\$+100\$ da M. Fernanda; 50\$ «para o Calvário»; 200\$00 da Covilhã

Continua na QUARTA página



O livro «VIAGENS»

na ponta final

• A MARCHA DO TRABALHO

Estamos na ponta final! Tão melindrosa e trabalhosa como as demais.

Para alçar a obra, armámos banca no amplo escritório da oficina, bem mais soalheiro e quentinho. A secção de encadernação, com frio, é insupportável!

«Quim do Porto», «Campanera», «Gágá», «Zucaca», «Espanhol», «Toupeira» e outros — a maior parte em regime de «part-time» — vão dando conta da empreitada, com o barulho do costume... Às vezes, a sala mais parece um palco de música «rock»!

«Quim do Porto» e «Campanera» são responsáveis por esta fase. E com prática suficiente. Passou-lhes pela mão, caderno por caderno, o «isto é a Casa do Gaiato». E, muito justamente, fazem questão da qualidade do seu trabalho de «controle». Bom sinal.

A capa da obra ainda está na impressão. E a maquete, de

linhas modernas, coloridas, ficaram-na devendo ao cuidado e amizade de uma leitora.

Já principiámos a costura. E não tardarão muito a ser coladas as capas dos primeiros exemplares!

Entretanto, amigo «Eusébio» faz uma paragem na divisão alfabética de sobrescritos, a conferir, destinados à remessa de postais RSF e literatura referente à bibliografia de Pai Américo. Tencionamos motivar, com esse material, uma verdadeira legião de amigos ainda não inscritos no ficheiro da nossa Editorial.

«Eusébio» muda de serviço porque é necessário endereçar, imediatamente, os 5.000 sacos que hão-de servir de embalagem à expedição do «VIAGENS» para os assinantes.

Um mundo de trabalho — já com Festas de perneio!...

Estes longos dias de ponta, somados às naturais carências e desfazamentos da nossa vida comunitária, são um verdadeiro teste, não há dúvida, para candidatos a técnicos de gestão...

• CARACTERÍSTICAS DO «VIAGENS»

Enquanto, uma vez por outra, urge abafar a voz do Elísio, que parece uma trovoadal, e curar a velha sorna dalguns, resolvemos informar os nossos estimados leitores das características da presente 2.ª edição — reordenada e aumentada. Consta de 23 cadernos, com 360 páginas (a primeira edição não ia além de 288) dividido em 4 partes ou capítulos, tantas as viagens de Pai Américo: Brasil, Açores, África e Madeira. Esta, omissa na primeira edição. Assim como algumas peças significativas — e compiladas para a actual reedição. Numerámos os textos, encabeçados por uma epígrafe, para facilitar e valorizar a ordenação e a própria legibilidade da obra. Mais ainda: na parte final inserimos o correspondente índice, tão agradável aos bibliófilos.

• A VOZ DOS LEITORES

De vários quadrantes, vão chegando cartas e postais revelando uma ansia incontida pelo «VIAGENS». Olhem para Ovar:

«Pela leitura de «O Gaiato» vejo que está em preparação a segunda edição do livro «VIAGENS». Peço a fineza de me enviar um volume, porque a primeira edição passou em branco. Obrigado...»

«Tal como naquela hora, eu vejo e sinto as pessoas, os lugares, panoramas, coisas, tudo; de tal sorte que o ler e o viajar são uma e a mesma coisa.

Nada se esconde do que se deve dizer. Nada se diz do que se deve esconder. Acho isto uma fórmula honesta e por ela me guiei.

Como os outros saídos das nossas mãos, também este «VIAGENS» vai ser um livro de horas. Horas de meditação. Em todas as suas páginas, à maneira que andamos, teremos ocasião de ver o Criador no meio da Sua Criação. E é isto justamente o que vai faltando na literatura do nosso tempo. A técnica pretende resolver sem a presença e actuação de Deus; daí ser tudo vazio...»

PAI AMÉRICO

Agora, ouçamos Quintans (B. B.):

«Apesar de o desejar muito, mas por descuido imperdoável, nunca pude ler nenhum dos vossos livros. Peço o favor de me enviarem em primeiro lugar o «Famoso» e logó que saia o «VIAGENS», idem.

Toda a literatura me é necessária e serve de meditação. Penetra-me mais do que qualquer outra que leia, ainda que seja a Bíblia, precisamente porque está mais perto de mim e é sempre actual. Será esta afirmação sacrilégio? Não é com essa intenção que o faço.

Que Deus continue a abençoar a Obra e me faça cada vez mais desprendida do mundo...»

Oh Fogo!

Finalmente, mais uma legenda suculenta:

«Sempre que haja novas edições e de obras diferentes, agradeço não se esquecerem de mim, pois a linguagem do nosso Padre Américo, além da essência dos seus trabalhos, é única e saudável — porque todos a compreendem...»

Tome nota: foi sempre o seu cuidado. E mais: repetidas as suas advertências — «escrevam de maneira que o «Zé da Lenha» intenda...»

Júlio Mendes

A Família cresce

«Meus bons amigos

Em primeiro lugar desejo-vos a todos muita saúde.

Agora vou-me apresentar: Chamo-me Óscar Manuel, tenho dois anos de idade, feitos no dia 20 de Dezembro de 1972. Sou filho de Manuel Maria da Costa Teixeira e de Maria Delina da Silva Brosque Teixeira. Meu Pai foi criado na Casa do Gaiato desde a idade dos nove anos aos dezoito, em Miranda do Corvo e era conhecido pelo «Lisboa». Agora residimos em Benguela, e eu e meus Pais vamos de vez em quando visitar a vossa Casa, e sabem? — gosto muito de lá ir e já conheço muito bem a D. Virgínia, a quem eu chamo Gina, e o Melo que é o Motorista. Conheço muito bem a vossa carrinha. Sempre que a vejo, chamo a minha Mãe para ela ver que é mesmo o Tátá. Os Tátás são todos os rapazes, pois sou pequenino e não sei dizer rapaz. Gosto deles todos. Sempre que vou a vossa Casa como sempre lá; desta vez, comi 2 postas de peixe e pão com manteiga que deu a Gina, eram 5 h. 30m, hora do lanche dos Tátás. Eu vi na cozinha a fritarem peixe e pedi. Gosto muito de lá comer, sabem!?

E agora que já me apresentei, assim como meus Pais, e já vos disse que vou a vossa Casa aqui em Benguela, vou pedir-vos uma coisa. Sabem? Já adivinharam. Isso mesmo: era que publicassem a minha fotografia no vosso Jornal, pois meus Pais têm um Tátá que lhes vem trazer o Jornal a casa e eu gostava que eles me vissem no vosso Jornal. Está bem?

Muito obrigado e um grande xi-coração e beijinhos para todos vós. Cumprimentos de meus Pais.



Sou o pequenino muito so amigo e netinho.

Óscar Manuel

Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA

com os homens — e que visão e esta reflexão de tem em nós a ansia de s bons também; de não d diçarmos as graças que vezes e de tantos modos nos dá; e assim nos comos em luz, em fermento sal da terra, que é tamb «para-raios» colaborante finita misericórdia do Deus.

Cartas

Cont. da PRIMEIRA página

«Somos leitores habituais de «O GAIATO», através do jornal de assinante amigo.

Agora, casados há cerca de um mês continuamos na descoberta do muito, do imenso que o espírito da Obra da Rua encerra. Pensamos que mais do que as palavras, do que os factos em si, conta sobretudo a Vida, o Amor, a Comunicação que experimentamos ao ler o jornal.

Acontece ainda que lemos passagens de alguns dos livros de Pai Américo que nos tocaram bastante.

Junto enviamos uma pequena quantia que será o nosso contributo para que nos mandem o «Porta Aberto». Noutra ocasião e de acordo com as nossas possibilidades os outros virão, assim como uma assinatura para nós próprios.

Começamos pelo «Porta Aberto» pois será para nós o nosso motivo de reflexão, comum e a nossa oração para o fim do dia.»



Calvário

Cont. da TERCEIRA página

2000\$ «com muito amor e carinho»; 100\$ de Maria José; 5000\$ de Dora, do Bonjardim. «Uma vossa admiradora» com 120\$. «Humilde Portuense», com vários 100\$; M. Amélia com 100\$; assinante 19109 com muitas presenças; Princeplina com 500\$+100\$ de alguém pedindo «prece por alma de meu Pai»; 3000\$ com pedidos de Missas; uma Emília de Lisboa com 2000\$; «um que sofre» com 60\$; «humilde mulher» com 25\$; Júlia, de V. N. Famação, com 1000\$. Roupas de vários pontos do país, assim como muitas presenças anónimas. De Evangelina, de Lisboa, 100\$; mais 50\$ do «desconhecido de Ovar»; «gotinha de água» de Alice; 1000\$ de Olivais Sul, «pedindo o maior sigilo»; 600\$ de quem nos visita sempre no dia de seus anos; 2000\$ da amiga de Bragança;

1000\$ de «uma pecadora»; 50\$ «por alma do Pai Luís»; 1100\$ de M. Alice, de Penafiel; 500\$ de M. Serapicos; Berta com 110\$; Mealhada com 100\$; José Lopes com 200\$. No nosso Lar do Porto, um cheque com 10.000\$. De quem conhece as nossas necessidades, 100\$; mais 100\$ de Ana e Leonardo; 50\$ de M. Santos; 500\$ do assinante 4811; 50\$ de E. Oliveira; 100\$ «lágrima pelos que sofrem»; 100\$ do assinante 24180; 100\$ de Sousa Monteiro; 50\$ de Maria Adelaide, nossa vizinha no Porto; presenças da «anónima da Rua das Papoilas»; 100\$ de Ascensão; 100\$ do «Zé ninguém»; 100\$ de António, de Caminha; migalhas de Ana, na América; 100\$ de M. Adelina; 506\$60 de Santarém; 200\$ de Silvina; 100\$ «para ajuda dos remédios»; 100\$ mais 100\$ da M. Ascensão, da Covilhã; 50\$ «em sufrágio da alma da minha Mãe»; alguns 100\$

de Raúl Custódio; 50\$ «uma Mãe e duas Filhas do assinante 7683; 40\$ «peça a Deus por nós»; de Georgina; 1000\$, se pagamento de assinatura assinante 32652; 200\$ de Amaral; 150\$ de Júlia; M. Lurdes; 150\$ de «av decidada»; 200\$ da a 31855; 280\$ de quem pe culpa de escrever mui 20\$ do assinante 17022 20\$ «da criada Maria de F. R.; 170\$ do a 16264; 50\$ de Otilia; M. Glória; muitos 100\$ tónio; 500\$ de Olimpio de Setúbal; 5.000\$ de sobras de 10.000\$ par; vário; 100\$ de Laura; rios 100\$ do Carlos, de João António e esp 300\$ no Lar do Porto. por hoje, a Empresa d Tivoli, com 1000\$.

Para todos, pedimos nino Deus um novo ato de Alegria, de Paz ragem.

Fica o nosso discragado!

Manuel A